

UNIVERSIDADE METODISTA DE PIRACICABA – UNIMEP
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA SAÚDE – FACIS
CURSO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA
LINHA DE PESQUISA MOVIMENTO HUMANO, LAZER E EDUCAÇÃO

Fernando Azeredo Varoto

ATIVIDADES DE AVENTURA NA CONTEMPORANEIDADE:

Conceitos, classificações e mercado

Piracicaba

2011

Ficha Catalográfica

VAROTO, Fernando Azeredo

Atividades de Aventura na Contemporaneidade: conceitos, classificações e mercado. Piracicaba, SP: [s.n.], 2011. 58f

Orientadora: Prof^a. Dr^a Cinthia Lopes da Silva.

Dissertação (mestrado) – Faculdade de Ciências da Saúde, Mestrado em Educação Física, Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP).

1. Lazer. 2. Atividades de Aventura. 3. Consumo. 4. Contemporaneidade.
I. Silva, Cinthia Lopes da. II. Universidade Metodista de Piracicaba, Faculdade de Ciências da Saúde. III. Título

Título em inglês: Adventure Activities in Contemporary: concepts, classifications and market.

Palavras-chave em inglês (Keywords): leisure, adventure activities, market and contemporary

Área de Concentração: Movimento humano, Cultura e Educação

Titulação: Mestrado em Educação Física

Banca Examinadora: Cinthia Lopes da Silva, Eline Porto e Gisele Maria Schwartz

Data de defesa: 31/08/2011.

Fernando Azeredo Varoto

ATIVIDADES DE AVENTURA NA CONTEMPORANEIDADE:

Conceitos, classificações e mercado

Trabalho de Dissertação apresentado ao Curso de Mestrado em Educação Física da Universidade Metodista de Piracicaba para obtenção do título de Mestre em Educação Física.

Orientadora: Prof^a Dr^a Cinthia Lopes da Silva

Piracicaba

2011

Banca Examinadora

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Cinthia Lopes da Silva - UNIMEP

Prof^a. Dr^a. Eline T. R. Porto – UNIMEP

Prof^a. Dr^a. Gisele Maria Schwartz – UNESP/ Rio Claro

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço ao Grande Arquiteto do Universo – Deus, pelo dom da vida e pela possibilidade de poder ter estrutura familiar, profissional e pessoal para estudar.

Agradeço em especial a minha família a meus pais Regina e Alaor, pelo apoio e amor que sempre tiveram por mim, e a eles eu agradeço tudo o que tenho e o que sou.

A minha avó Genoveva, por ajudar minha formação e ser um exemplo de pessoa, visto sua pureza e bondade.

A minhas irmãs, Érika, Sílvia e Cristina, por saber que sempre poderei contar com elas.

A minha namorada, Lara, pelo apoio e ajuda neste último ano de estudo.

Em especial a minha orientadora, Cinthia Lopes da Silva, por acreditar em meu potencial, pela ajuda, pela cobrança, para que eu conseguisse completar mais essa fase de minha vida acadêmica.

A meus amigos e amigas do curso de mestrado, pelos aprendizados mútuos e momentos de alegria e descontração nas aulas.

A todos os professores e funcionários da UNIMEP, por poderem me proporcionar condições de aprendizado fundamentais para a conclusão dessa dissertação.

Aos professores que compuseram minha banca, prof^a. Gisele Schwartz e prof^a. Eline Porto, pelas contribuições ao texto e à minha formação pessoal.

Dissertação de Mestrado em Educação Física – Faculdades de Ciências da Saúde.

Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2011.

RESUMO

As Atividades de Aventura (na natureza) estão sendo práticas do lazer contemporâneo e que vêm crescendo a cada dia, tanto no número de praticantes, quanto no número de atividades, são atualmente mercadorias oferecidas pelas empresas de lazer. Temos como objetivo geral o estudo das Atividades de Aventura na Contemporaneidade, e como objetivos específicos temos a análise dos conceitos, classificações e as relações com o mercado das Atividades de Aventura. No meio acadêmico nota-se que as atividades de aventura têm sido um tema debatido em todos os níveis da academia, de modo interdisciplinar, visto as diversas áreas nas quais tem sido tema – educação física, turismo, psicologia, sociologia. Devemos prestar atenção para a Educação Física, por ser nossa área de formação e de pesquisa. Quanto ao referencial acadêmico, fizemos um levantamento bibliográfico das diversas conceituações e definições que essas atividades contemporâneas têm recebido de diversos autores nos últimos 15 anos, e além das conceituações também analisamos alguns modelos de classificação destas atividades, para podermos compreender melhor como elas se desenvolvem e como esse desenvolvimento se relaciona com o mercado, ponto fundamental de nossa reflexão. Em relação ao mercado, tivemos como base autores que discutem sobre a contemporaneidade ou, nas palavras deles – supermodernidade, hipermodernidade e pós-modernidade. Nossa pesquisa foi uma revisão bibliográfica, utilizamos as palavras-chave: lazer, atividades de aventura, mercado e contemporaneidade. Em conclusão a nossas reflexões concluímos que as Atividades de Aventura é um tema que tem sido amplamente discutido no meio acadêmico nos últimos anos, constituindo-se um tema da atualidade. O processo de mercadorização das Atividades de Aventura requer a qualificação dos cursos de formação profissional, de modo que os profissionais do lazer tenham uma atuação que viabilize aos sujeitos refletir sobre a questão ambiental e a compreender as Atividades de Aventura como uma possibilidade de transformação pessoal e social a partir do lazer.

Palavras-chave: Lazer, Atividades de Aventura, Mercado e Contemporaneidade.

VAROTO, Fernando Azeredo. 2011. 58 f.

Dissertação de Mestrado em Educação Física – Faculdades de Ciências da Saúde.

Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2011.

ABSTRACT

The Adventure Activities (in nature) are being practices of contemporary leisure and they are increasing everyday, as in the number of practisers, and in the numbers of activities. They are nowadays goods offered by leisure companies. We aim to study the general Adventure Activities in Contemporary, and specific objectives have the analysis of concepts, classifications and relations with the market for Adventure Activities. In the academic way we can notice that the adventure activities have been an argued topic in all levels of the academy, in an interdisciplinary way, respecting the several areas in which they have been theme: physical education, tourism, psychology, sociology and so on. We have to pay attention on Physical Education because it is our area of formation and of research. Whatever the academic reference, we did a bibliographical review on the several conceptualization activities have received from various contemporary authors in the last 15 (fifteen) years, and also the conceptualizations that we analysed and some models of classification of these activities, so we can understand better as they develop and how this development is related with the market, key point of our reflection. In relation to the market, we had as basis authors that discuss about the contemporaneity or, on the word – post-modernity. Our research was a bibliographical review, we used key words as: leisure, adventure activities, market and contemporaneity. In conclusion of our reflections we realize that the adventure activities are a theme that has been widely discussed in our academic circles in the last years and they are the present news. The process of trade of the adventure activities request a classification of the courses of professional formation, so that the professionals of leisure have a performance that allows the environment question and understand the adventure activities as a possibility of personal and social transformation from leisure.

Keywords: leisure, adventure activities, market and contemporary.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 REVISÃO DE LITERATURA	11
2.1 Atividades de aventura no Brasil	11
2.2 Conceitos de Atividade de Aventura	21
2.3 Classificações das Atividades de Aventura	31
2.4 Atividades de aventura e mercado.....	42
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
REFERÊNCIAS	56

1. INTRODUÇÃO

Se procurarmos uma academia para realizar alguma prática corporal, iremos encontrar uma variedade de modalidades de ginástica, além disso, poderemos fazer uma escolha entre os vários estabelecimentos que oferecem tais práticas. Nesta mesma linha, se tivermos o interesse de praticar alguma atividade em meio à natureza, que tenha desafios, incertezas, que nos afaste de nossas atividades do cotidiano e que nos surpreenda, e desta forma estamos falando das Atividades de Aventura na Natureza, iremos encontrar uma infinidade de modalidades – na terra, no ar e na água, além de podermos escolher a cidade que nos agrada, bem como a empresa dentre as diversas que hoje são especializadas em oferecer Atividades de Aventura.

Algumas dessas atividades possuem nomenclatura que denota uma prática nova, no entanto, muitas delas são bem antigas, possuem praticantes assíduos e hoje estão à disposição de quem se interessar e puder pagar. Algumas atividades que há um tempo eram atividades do contexto do lazer ou brincadeiras entre amigos, ou eram atividades de exploração de ambientes naturais e inóspitos, hoje são atividades que fazem parte da indústria do entretenimento, mercadorias oferecidas, sendo que sua prática é incentivada pelos meios de comunicação de massa, os quais atribuem a tais atividades um discurso de liberdade, adrenalina e saída da rotina, por preços nem sempre acessíveis.

Além desse contexto mercadológico, que cresce significativamente – Ecoturismo ou Turismo de Aventura, há um iniciante, mas crescente interesse do meio acadêmico em tratar desse fenômeno sociocultural que são as Atividades de Aventura, sendo exemplificado pelo crescente número de teses, dissertações e livros sobre o tema, o surgimento de um congresso específico – Congresso Brasileiro de Atividades de Aventura (CBAA), que está em sua sexta edição, além de mesas redondas e temas livre

destinados a trabalhos sobre Atividades de Aventura em diversos congressos e publicações científicas.

Dessa forma, observamos que, tanto o meio acadêmico, como o mercado têm demonstrado interesse nas atividades de aventura. Atualmente, também há diversas normas técnicas produzidas pela Associação de Normas Técnicas – ABNT, em conjunto com o Ministério do Turismo e com apoio da Associação Brasileira das Empresas de Ecoturismo e Turismo de Aventura – ABETA, sendo este último um órgão que visa organizar e dar suporte para as empresas que atuam neste segmento do Turismo no Brasil.

O presente texto está dividido em quatro partes, nas quais tratamos de Atividades de Aventura na contemporaneidade. Na primeira parte, tratamos de Atividades de Aventura no Brasil, discorremos sobre seu surgimento e sobre o processo de normatização dessas Atividades. Na segunda parte, vamos ver e analisar os diversos modos como essas atividades são conceituadas no Brasil, e aqui também fazemos a nossa justificativa de escolha pelo termo Atividades de Aventura na Natureza, ou apenas Atividade de Aventura. Na terceira parte, apresentamos algumas formas de classificação para as Atividades de Aventura que alguns autores fizeram a respeito das mesmas. Já na quarta e última parte, discutimos como as Atividades se relacionam com o mercado em nossa época – supermodernidade, segundo Mar Augé (2002) elencando elementos que alguns autores fazem do nosso atual período histórico que levam ao consumo e individualização.

Esse estudo caracteriza-se por pesquisa bibliográfica. Para a obtenção dos dados, foi utilizada como técnica para a pesquisa bibliográfica a revisão de literatura (SEVERINO, 1991), tendo em vista a possibilidade de discussão dos termos-chave: Lazer, Educação Física, Atividades de Aventura, Consumo, Mercado e contemporaneidade. Essa revisão de literatura foi realizada a partir de leitura de livros, artigos científicos, teses e dissertações, relacionados à questão central do estudo, estudo dos conceitos, classificações e relações com

o mercado das Atividades de Aventura, e essa pesquisa se deu nos sistemas de bibliotecas da Universidade Metodista de Piracicaba – UNIMEP, Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP e das Faculdades Integradas UNIFAFIBE de Bebedouro/SP.

Fizemos o uso do recurso metodológico de Delimitação da Unidade de Leitura (SEVERINO, 2002), que é compreendido pelas seguintes fases:

1) Análise Textual, por ser a primeira leitura, tem a finalidade de um contato com o todo do texto de uma forma panorâmica, buscando o raciocínio do autor, além de seu estilo e método de escrita.

2) Análise Temática, se baseia em ouvir, aprender o conteúdo da mensagem sem intervir; trata de fazer ao texto as perguntas necessárias para fornecerem o conteúdo da mensagem.

3) Análise Interpretativa, busca abordar o texto de forma a interpretá-lo mediante a situação das idéias do autor.

4) Problematização, visa levantar os problemas que o texto traz para a discussão.

5) Síntese Pessoal, que se baseia na reelaboração da mensagem com base na reflexão pessoal.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1 ATIVIDADES DE AVENTURA NO BRASIL

Hoje há um grande número de modalidades que compõe o universo das atividades que aqui nomeamos como Atividades de Aventura na Natureza, ou apenas Atividades de Aventura, visto que algumas delas podem se desenvolver em ambientes artificiais como, por exemplo, o surfe em piscinas artificiais com ondas, a escalada em paredões artificiais entre outras. Se formos nos atentar para apenas essas duas modalidades, *surfe* e escalada, vamos nos remeter a um tempo bem longínquo, visto que há indícios de que os polinésios surfavam com cascas de árvores em meados do século XVIII e temos o registro de que em 1953 tivemos a conquista do monte Everest, sendo este o ponto mais alto do mundo com 8.848 metros. Nessa linha, Marinho (2001) afirma que:

[...] as atividades de aventura que se manifestam em nossos dias, privilegiadamente nos momentos de lazer (as quais recebem, inclusive, a denominação de “novos esportes”), na verdade, não são tão novas assim. Haja vista os exemplos do surfe e do skate, pioneiros desses esportes e em eminência desde os anos 70 (MARINHO, 2001, p. 151).

Quem também concorda com esses fatos é a autora Fernandes (1998), por ela defender que o termo “esportes radicais” surge nos anos de 1970, provavelmente pelos praticantes de surfe, por serem pessoas que se aventuravam ao enfrentar ondas altas e em locais repletos de corais. Fernandes (1998) continua a defesa falando do *skate*, pois ele surge após surfistas colocarem rodinhas em suas pranchas, fazendo com que eles pudessem “surfar” nas ruas nos dias de calmaria; e ela acrescenta que:

Nos anos 80, houve um grande desenvolvimento dos “esportes radicais”, que tingiram na presente década um maior nível de organização e controle dos riscos envolvidos, devido principalmente à contribuição dos meios de comunicação, dos equipamentos de segurança utilizados e dos recursos empregados (FERNANDES, 1998, p. 110).

A autora também nos lembra que muitos dos praticantes começaram a praticar as Atividades de Aventura por participarem de grupos de amigos que se reuniam em finais de semana e praticavam alguma modalidade de aventura, seja para fazer rapel em alguma ponte, ou para escalar uma chaminé, ou para andar de moto, jipe ou simplesmente a pé por trilhas em meio à natureza.

Nessas atividades, afirma Fernandes (1998, p. 115), os praticantes iam em [...] busca de um certo transe emocional e de quebra das regras sociais [...], que acabaram por provocar um aumento do número de indivíduos praticantes os quais instigam uma divisão ou criação de novos grupos e, assim, um crescimento do número de praticantes, mas ao mesmo tempo, continua a autora, esse crescimento começa a sofrer limite e restrições pela sociedade, por meio das regras criadas pela esportivização, principalmente por regras e normas de segurança e de proteção ambiental, como por exemplo, as normas sobre o Turismo de Aventura da ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas).

Com o aumento de praticantes, cresce o interesse das pessoas nessas atividades, fazendo com que o mercado surja, visto que empresas que perceberam nas atividades de aventura um mercado em potencial se apropriam das práticas e, utilizando praticantes experientes, começam a vender essas atividades. O surgimento do chamado Turismo de Aventura, que se enquadra na polissemia do termo Ecoturismo e em sua multiplicidade de atividades, e de acordo com Serrano (2000, p. 9), ecoturismo é considerado como uma “idéia guarda-chuva” porque engloba inúmeras atividades como o *trekking*, escalada, *rappel*, espeleologia, mergulho, cavalgadas, vôo livre, estudos do meio, safári fotográfico, observação da fauna e da flora, pesca, turismo esotérico e turismo rural, entre os mais comuns.

Ainda com base em Fernandes (1998), as práticas esportivas são um fenômeno sociocultural que acabam por ser transformado em mercadoria, baseada nas “leis do mercado”, apresentando, entre outras coisas, o interesse e necessidade do lucro.

Analisando os temas abordados aqui fica-nos a impressão de que há um enfoque dado pelos meios de comunicação de massa às Atividades de

Aventura na Natureza, tanto no Brasil, quanto no Mundo, em especial em alguns países como: Nova Zelândia, Austrália, África do Sul, EUA. Essa evidência pode ser justificada por alguns fatores, como por exemplo, o interesse crescente do meio acadêmico em estudar e conhecer essas atividades, pela própria institucionalização de diversas modalidades, ocasionada pelo surgimento dessa vertente do turismo e do comércio, além do significativo aumento nos gastos com essas atividades nos últimos anos. Assim, vamos rever alguns pontos relacionados às Atividades de Aventura.

No âmbito acadêmico, temos como base o estudo das autoras Marinho e Schwartz (2007), no qual elas fazem uma análise da produção do conhecimento acerca das temáticas lazer, aventura e natureza, e percebem avanços a respeito da produção científica na área. As autoras mostram que os avanços são desde um maior número de artigos e teses escritas acerca das Atividades de Aventura, como também, o surgimento de uma Política Nacional de Ecoturismo, além do documento Diretrizes e Recomendações para o Planejamento e Gestão da Visitação em Unidades de Conservação, documento este publicado em 2006 pelo Ministério do Meio Ambiente, que tem como objetivo definir regras para viabilizar a visitação da população às Unidades de Conservação de maneira sustentável.

Elas também falam das inúmeras normas técnicas que a ABNT, em parceria com o Ministério do Turismo e com o apoio da ABETA (Associação Brasileira das Empresas de Ecoturismo e Turismo de Aventura) produziram, sendo que essas normas têm o objetivo de identificar aspectos críticos da operação das diversas modalidades de Atividades de Aventura e, assim, garantir segurança dos clientes, fazendo, assim, com que os procedimentos sejam todos padronizados.

Também citam a Comissão de Esporte de Aventura – CEAV do Ministério do Esporte, que surge em 2006, com o objetivo de construir uma política nacional para o fenômeno. Contudo, a comissão está há um bom tempo sem atividade.

Além disso, Marinho e Schwartz (2007) também apresentam inúmeros exemplos de livros e capítulos de livros abordando as Atividades de Aventura, além da existência de inúmeros cursos de extensão, graduação e pós-graduação na área, em diversas Instituições de Ensino, além de eventos científicos que aborda direta ou indiretamente essas atividades, e um bom exemplo é o Congresso Brasileiro de Atividades de Aventura - CBAA, que em 2011 está em sua sexta edição, sem interrupções, evento este que tem sua organização realizada pelo Laboratório de Estudos do Lazer (LEL), do departamento de Educação Física da UNESP de Rio Claro/SP. As autoras, para concluir, mencionam que o uso das Atividades de Aventura na área educacional é um grande desafio, pois pode gerar “novos olhares” sobre a natureza e um compromisso humano no mundo, pois essas atividades podem ser uma excelente ferramenta educacional.

Seguindo nessa linha de raciocínio, vamos abordar um pouco mais sobre a normatização das Atividades de Aventura, principalmente pelo surgimento das várias Normas Técnicas sobre Turismo de Aventura, as quais foram desenvolvidas pela Associação Brasileira de Normas Técnicas – ABNT, em conjunto com o Ministério do Turismo, através da Secretaria de Programas de Desenvolvimento do Turismo e o Instituto de Hospitalidade (IH) e com o apoio da ABETA – Associação Brasileira de Empresas de Ecoturismo e Turismo de Aventura (2008), as quais têm como objetivo principal padronizar os procedimentos dos diversos produtos de Turismo de Aventura, e dentre as normas temos diversas temáticas, desde a Terminologia utilizada em turismo de aventura, com a produção da definição de vinte e duas modalidades de Atividades de Aventura.

Há também normas que tratam da competência pessoal dos condutores, a qual tem como objetivo estabelecer os resultados esperados e as competências mínimas para os condutores de atividades de turismo de aventura (ABNT 15285, 2005, p. 1), onde trata das definições, da descrição das competências mínimas, dos resultados esperados, das competências (conhecimentos, habilidades, atitudes ou atributos) e da manutenção e

melhoria das competências (desenvolvimento profissional contínuo e manutenção da competência).

Outra norma trata do Sistema de Gestão de Segurança – Requisitos (ABNT- NBR 15331, 2005), que tem como objetivos:

- a) pretende aumentar a satisfação do cliente por meio de afetiva aplicação do sistema, incluindo processos para melhoria contínua do sistema e a garantia da conformidade com os requisitos do cliente e requisitos regulamentares aplicáveis, e
- b) necessita demonstrar sua capacidade para assegurar a prática de atividades de turismo de aventura de forma segura e que atendam aos requisitos de segurança do cliente e requisitos regulamentares aplicáveis (ABNT 15331, 2005, p. 1).

A NBR 15286:2005 trata de informações preliminares a clientes, a qual tem como objetivo:

Esta norma especifica os requisitos gerais mínimos para informações relacionadas à segurança e aos aspectos contratuais pertinentes de produtos ou serviços que incluam atividades de turismo de aventura, a serem proporcionadas a clientes potenciais, oferecidas por uma organização ou pessoa, antes da formalização da compra (ABNT 15286, 2005, p. 1)

Essas normas trazem o que deve ser informado ao cliente antes da compra da atividade, pontos como: identificação e definição do produto em questão, descrição do local ou locais onde ocorre a atividade, número máximo e mínimo de participantes, meios, características e categorias de transporte utilizado, tipo de acomodação, fornecimento de alimentos e bebidas, fornecimento de equipamentos e a disponibilidade e tipo de cobertura do seguro, além de pedir ao cliente o preenchimento de um termo referente ao seguro da atividade.

No mais, as outras normas, que tratam especificamente de algumas das Atividades de Aventura, nos apresentam de outros temas como:

- 1- Competência Pessoal do Condutor da Atividade, contendo: descrição do condutor, resultados esperados, competências – conhecimentos acerca da atividade, conhecimentos adicionais, habilidades e

habilidades adicionais - atitudes e atributos, manutenção e melhoria da competência, além de anexos sobre equipamentos individuais e coletivos necessários para a atividade e referências bibliográficas.

- 2- Requisitos pra o Produto, contendo: requisitos gerais; qualificação e quantidade de condutores; equipamentos – disponibilidade e quantidade, coletivos, individuais, conservação e manutenção, registros; operação com uso de veículos de apoio; preparação dos clientes – informações, conhecimentos de riscos e responsabilidades, instrução ao cliente; exigências de segurança – medidas de prevenção e segurança durante a progressão, comunicação, condições específicas para percursos autoguiados; requisitos adicionais para produtos que envolvam pernoite; gestão de riscos – inventário de perigos e riscos, análise de inventário de riscos, tratamento dos riscos e preparação e atendimento a emergências; conclusão do produto; controle do produto – registros, manutenção de um sistema de registros, registro de sugestões e críticas, registro de incidentes, incluindo acidentes, procedimentos e revisão crítica do produto; mitigação, compensação e conservação socioambientais e bibliografia.

Temos as seguintes normas, de acordo com a modalidade de Atividade de Aventura:

- Rafting (NBR 15370)
- Turismo fora de estrada em veículos 4X4 (NBR 15383 e NBR 15453)
- Montanhismo e Escalada (NBR15397)
- Canionismo e cachoeirismo (NBR 15400)
- Cicloturismo (NBR 15509-1)
- Técnicas Verticias (NBR 15501 e NBR 15502)
- Parque de Arvorismo (NBR 15508-1 e NBR 15508-2)
- Caminhada (NBR 15505-1 e NBR 15505-2)
- Caminhada de Longo Curso (NBR 15398)

- Espeleoturismo de aventura (NBR 15399 e NBR 15503)
- Turismo Equestre (NBR 15507-1 e NBR 15507-2)
- Mergulho Recreativo (NBR ISSO 24801-1, NBR ISSO 24801-2, NBR ISSO 24801-3, NBR ISSO 24802-1 NBR ISSO 24802-2 e NBR ISSO 24803)

Nesta perspectiva, acreditamos que as diversas normas da ABNT apenas nos parecem servir para normatizar essas práticas, ou mesmo, formalizar as diversas modalidades das Atividades de Aventura, gerando assim um ambiente sem um compromisso com o oferecimento de uma prática do contexto do lazer com a possibilidade de transformação da realidade social onde ela se encontra inserida; uma vez que o modo como as atividades se desenvolvem – baseadas nas normas, os sujeitos apenas a consomem e acabam não tendo a possibilidade de uma visão crítica e criativa deste seu momento no lazer. Essa transformação da realidade pode tanto ser em relação à comunidade na qual ela está inserida, quanto nas questões de preservação do meio ambiente do qual a atividade se utiliza.

Olhando pelo lado do meio acadêmico ter um interesse crescente nas temáticas relacionadas às Atividades de Aventura, podemos contatar que esse interesse se dá pelo fato desse tema estar relacionado com outros temas bastante estudados pela academia, como por exemplo, o lazer, o esporte e o meio ambiente, e também, por ser uma prática do contexto do lazer. As Atividades de Aventura acabam se relacionando com áreas de estudos diversificadas. Um ponto que também observamos é que as Atividades de Aventura tem um grande potencial econômico e de conservacionismo, temas que estão em destaque na atualidade, provocando assim o interesse do meio acadêmico em ver as relações existentes entre as atividades na natureza e sua representação na economia e como a prática dessas atividades podem estar interferindo no meio ambiente.

No tocante ao meio ambiente e observando o potencial preservacionista das Atividades de Aventura, mais recentemente, algumas pesquisas

acadêmicas tem buscado verificar o potencial que essas atividades têm em relação ao seu uso como ferramenta para a educação, principalmente, em relação à natureza, seu uso e sua degradação. Acreditamos que as Atividades de Aventura podem ser uma importante ferramenta educacional, pois sua prática se dá, na maioria das vezes, no meio natural e o seu diferencial como atividade – busca da aventura, “adrenalina”, saída da rotina, podem gerar fatores que instiguem o interesse pela prática e continuidade da mesma e dessa forma serem utilizadas como possibilidades educacionais práticas, desde que isso seja muito bem elaborado e organizado.

Nesse sentido, vemos que o meio acadêmico tendo essa aproximação com as Atividades de Aventura, uma vez que os sujeitos que atuam frente a essas atividades não precisam apenas ter uma formação técnica das atividades, mas pelo nosso entendimento, acreditamos ser necessário uma formação profissional mais ampliada com diálogo com o meio acadêmico para poder transformar essas práticas do contexto do lazer em atividades que possam gerar ambientes que levem a uma intervenção na realidade na qual estão inseridas; pois em alguns casos vemos abusos cometidos em nome do lucro, ficando o meio ambiente apenas um cenário e não como uma possibilidade de uma melhora na qualidade de vida de seus praticantes e dos moradores dessa região.

Assim como afirma Marinho (2001):

Trabalhar com este seguimento [atividades de Aventura] exige mais do que familiaridade com questões técnicas e específicas; exige mais do que conhecimento sobre questões socioambientais e conceituais sobre esporte, lazer e turismo; exige um envolvimento dinâmico, multidisciplinar, inovador, crítico e responsável, capaz de impulsionar o estabelecimento de políticas em níveis local e global (MARINHO, 2001).

A crescente demanda de profissionais qualificados nas diversas áreas de atuação, em especial do profissional de Educação Física, provocam a necessidade das diversas instituições de ensino se alinharem sobre os conhecimentos das Atividades de Aventura, para poderem formar profissionais que tenham o conhecimento técnico – normas, mas também uma formação ampliada, na qual esse profissional seja capaz de gerar atividades do âmbito

do lazer como um elemento da cultura a ser apropriado e não apenas consumido, pois vemos a possibilidade dessas atividades gerarem ambientes de aprendizagem para seus praticantes, e não apenas ficarem preocupados com a prática organizada e a venda de produtos e serviços referentes às Atividades de Aventura. Neste cenário acreditamos que apenas as normas não darão conta destas transformações.

Acreditando que o meio acadêmico tem um importante papel para a formação de profissionais e dar subsídios para a formulação de políticas de preservação do meio ambiente que realmente tenham possibilidades de promover a conscientização sobre questões ambientais, vamos, num primeiro momento, ver como o meio acadêmico tem tratado essas atividades que aqui estudamos e, para tanto, vamos ver as diversas definições e conceituações recebidas pelo que aqui chamamos de Atividades de Aventura, fazendo, assim, uma análise de conceituações de diversos autores.

2.2. CONCEITOS DE ATIVIDADE DE AVENTURA

Um ponto de questionamento em relação ao modo como o meio acadêmico trata as Atividades de Aventura são os termos ou nomes das Atividades que a academia definiu e que hoje se tornaram produtos que as empresas utilizam para venda. Essas empresas acabaram utilizando diversos nomes para denominar as atividades oferecidas, seja ele Esporte de Aventura, Esporte Radical, Atividades Físicas de Aventura na Natureza ou apenas Atividades de Aventura na Natureza, sendo que essa variedade de denominações surge com diversos autores que estudam o tema. Quando utilizados comercialmente, os termos nem sempre estão ajustados de acordo com sua conceituação. O conjunto de atividades nas quais nos baseamos neste estudo é bastante grande e diversificado, no que diz respeito ao ambiente em que elas são praticadas, sendo que podem ser divididas em aquáticas, aéreas, terrestres e de ambiente misto. Além disso, os nomes para essas atividades também são vários, sendo que iremos analisar os mais difundidos, além de seus principais autores.

a) Esportes Radicais

Esse termo foi utilizado por Uvinha (2001), em seu livro *Juventude, Lazer e Esportes Radicais*, livro onde o autor fez uma análise de um grupo específico de indivíduos, na maioria jovens e da região do ABC paulista (que engloba as cidades de Santo André, São Bernardo e São Caetano), e que tinham o *Skate* como algo em comum. Uvinha (2001) realizou um estudo sobre a faixa etária dos praticantes, além de evidenciar como o lazer tem certa importância na vida desses indivíduos, fazendo com que eles sejam identificados pelas roupas, linguajar, pelo gosto musical, dentre outros elementos.

Assim, Uvinha (2001) afirma que Esporte Radical pode ser definido como:

Defendo que a questão dos esportes radicais esteja relacionada de modo direto com a cultura adolescente, basicamente de duas formas: na primeira, atividades costumeiramente vivenciadas pelos adolescentes, sobretudo no campo do lazer, evocam a busca pela inovação, pela quebra com o tradicional, influenciando consideravelmente a criação do elemento “radical” nos esportes que, como vimos, arregimentam adeptos de vários segmentos etários; na segunda, vejo que os esportes radicais podem se constituir para o adolescente em uma ferramenta importante na busca de sua identidade, como um espaço extremamente significativo no qual ele pode experimentar a vida em grupo, a expressão de sentimentos, o gosto pela aventura, elementos estes característicos, porém não exclusivos, desta fase da vida (UVINHA, 2001, p. 26).

Como exemplo de esportes radicais podemos identificar *skate*, *patins*, *patins in line*, *surf*, *kite surf*, paraquedismo, *Bunge jump*, *Base jump*, *bicicross* *Down Hill*, dentre outros, por serem exemplos impregnados do elemento “radical”, que considera o alto risco que seus praticantes encontram nessas práticas, além de serem modalidades características do público jovem, mas não são exclusivas a esse público, uma vez que é normal, em grandes centros encontrarmos adultos que praticam essas modalidades em praças ou pistas específicas para esse fim. Além disso, quando são transmitidos grandes eventos profissionais, a maioria dos competidores é maior de idade, sendo pessoas que vivem dessas práticas, ou seja, são atletas profissionais. Acreditamos que sua grande aproximação com o público jovem se deve ao fato de que a prática dessas atividades começa aos poucos anos de vida e outro ponto é a busca dos sujeitos por certa identidade: os jovens acabam se agrupando e compartilhando os mesmos desejos, estilos de música (entre elas o *Rock*, *RAP*, *Hip-hop*, *hard core*, e *funks*), forma de se comunicar (linguajar e o grafite – arte de expressão que utiliza *spray* de tinta para fazer desenhos e transmitir mensagens), forma de se vestir (geralmente bermudas e calças largas, camisetas grandes com suas bandas musicais preferidas estampadas), dentre outros elementos.

Outra forma de conceituação que encontramos para Esporte Radical foi a da autora Fernandes (1998), em um texto que trata do surgimento dessas

atividades, onde a autora se baseia em autores como Guttman, Elias e Bourdieu para melhor compreender o Esporte Radical. Segundo a autora, o Esporte Radical tem duas características, uma seria o comportamento diferenciado dos indivíduos que o praticam, comportamento esse que [...] confronta valores antes estabelecidos [...], e aqui podemos verificar que os praticantes de Esportes Radicais, principalmente, *skate*, *patins* e *surf*, são, muitas vezes, marginalizados, ou sofrem preconceitos como, por exemplo, quando são tachados de usuários de drogas, pessoas que não trabalham, baderneiros etc, muito disso fruto do estilo “radical” que eles apresentam, por terem atitudes e pensamentos “radicais”, ou seja, que saem do que se espera da grande maioria.

Outra característica, segundo Fernandes (1998), é o fato dessas atividades provocarem a descarga elevada de adrenalina nos seus praticantes, sendo que isso ocorre pela ousadia e dificuldade das manobras executadas, onde eles sempre buscam a manobra perfeita, ou mesmo, a onda perfeita, além de estarem se aperfeiçoando e inventando manobras que desafiam as Leis da Física. Um exemplo disso é a manobra conhecida como 900, que o *skatista* brasileiro Sandro Dias, ou apenas “Mineirinho”, realiza, sendo que essa manobra consiste em dar duas voltas e meia no mesmo eixo, estando sem o contato com a pista, neste caso, o *ralf pipe* (pista de madeira ou cimento em formato de “U”, podendo ter até 5 metros de altura).

E, por fim, em relação ao Esporte Radical, temos o termo defendido por Costa, Marinho e Passos (2007, p. 77):

Compreendem o conjunto de práticas esportivas formais e não formais, vivenciadas a partir de sensações e de emoções, sob condições de risco calculado. Realizadas em manobras arrojadas e controladas, como superação de habilidades de desafio extremo. Desenvolvidas em ambientes controlados, podendo ser artificiais, quer seja em manifestações educacionais, de lazer e de rendimento, sob controle das condições de uso dos equipamentos, da formação de recursos humanos e comprometidas com a sustentabilidade socioambiental.

Aqui podemos notar uma preocupação desde a formação de recursos humanos para atuar nessas atividades, até preocupações de ordem

socioambiental e de que essas atividades podem ser atividades educacionais, do contexto do lazer e de rendimento, ou seja, a possibilidade de seus praticantes serem profissionais da modalidade.

Essa conceituação de Esporte Radical dos autores Costa, Marinho e Passos (2007) foi decorrente do processo que envolveu a formação da Comissão de Esportes de Aventura (CEAV), sendo essa uma comissão que faz parte do Conselho Nacional do Esporte, do Ministério do Esporte (ME). O objetivo geral desse grupo foi trabalhar na elaboração de uma política nacional para o Esporte de Aventura, e tiveram como objetivo específico investigar as normatizações, as conceituações e as confederações, federações e associações existentes acerca do tema no Brasil. A CEAV é composta por membros dos Ministérios do Esporte, do Meio Ambiente e do Turismo, além de representantes do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE), do Conselho Federal de Educação Física (CONFEF), de confederações e associações de diferentes modalidades de Atividades de Aventura e de representantes do esporte nacional.

Após a Comissão indicar os conceitos de Esporte Radical e Esporte de Aventura (que trataremos a seguir), os mesmos foram apresentados e aprovados no Conselho Nacional de Esporte (CNE) no dia 9/4/2007, para que fossem disseminados em eventos nacionais, com público alvo de diferentes atores sociais (confederações, federações, associações, clubes, parceiros e demais interessados). Com a disseminação dos conceitos, espera-se trazer novas discussões e mobilização de profissionais da Educação Física e áreas afins, para atender às necessidades do segmento de Esporte de Aventura no Brasil.

b) Esporte de Aventura

Compreendem o conjunto de práticas esportivas formais e não formais, vivenciadas em integração à natureza, a partir de sensações e de emoções, sob condições de incerteza em relação ao meio e de risco calculado. Realizadas em ambientes naturais (ar, água, neve, gelo e terra), como exploração das possibilidades da condição humana, em resposta aos desafios desses ambientes, quer seja em manifestações educacionais,

de lazer e de rendimento, sob controle das condições de uso dos equipamentos, da formação de recursos humanos e comprometidas com a sustentabilidade socioambiental (COSTA MARINHO PASSOS, 2007).

Além do conceito de Esporte Radical, foi também apresentado na CEAV, o conceito de Esporte de Aventura (COSTA MARINHO PASSOS, 2007), o qual observamos que se aproxima do conceito de Esporte Radical, e podemos destacar que os conceitos – Esporte Radical e Esporte de Aventura, são diferentes, pois os Esportes de Aventura ocorrem em ambientes naturais e, assim, ficam passíveis das incertezas que os ambientes naturais oferecem, como as condições meteorológicas (chuva, sol, vento) e também de condições próprias do local em que as atividades acontecem (terra, ar, água, neve, gelo), onde elas também apresentam um risco calculado na sua realização.

c) Atividades Físicas de Aventura na Natureza – AFAN

Já as AFAN, ou Atividades Físicas de Aventura na Natureza, é um termo mencionado pelo autor espanhol Javier Betrán (2003), que o define como:

[...] Entende-se que o conjunto de práticas considerado correspondente ao desejo, à natureza e à oportunidade histórica em uma nova era, denominada, pela maioria como pós-modernidade, a qual propiciou a chegada da sociedade pós-industrial, caracterizada por sua base no consumo e nos serviços. O período precedente, com o qual a pós-modernidade coexiste, é conhecido como modernidade e o seu equivalente sociocultural é a sociedade industrial, sendo que o esporte é a prática social mais relevante desse período e o símbolo cultural que o identifica (BETRÁN, 2003, p. 164).

Essa conceituação surgiu após uma análise das diversas conceituações existentes para esse tipo de atividades na Espanha. O referido autor observou que a maioria dos conceitos utilizados se baseava em características e na natureza do tipo de prática e tinha uma visão distinta e complementar das mesmas “[...] o termo composto corresponde apenas a uma denominação provisória, ainda sem um núcleo semântico definitivo, assim como ocorre no

‘esporte’, cuja utilização léxica é universal e seu significado quase unânime [...]” (BETRÁN, 2003, p. 164-165).

Javier Betrán continua dizendo que a população faz a eleição do termo, pois ela é influenciada pela divulgação dos meios de comunicação, subsidiados por entidades privadas e oficiais, que são decisivas para um consenso definitivo do termo a ser utilizado, assim como seu significado.

Ainda segundo Betrán (2003), o elemento risco é muito aparente e ele depende da expectativa que o praticante tem na atividade e na incerteza que a natureza apresenta à prática. Como as AFAN se tornaram produtos a serem vendidos por empresas especializadas, as quais fazem uso dessas atividades de modo a gerar uma “prática social massificada”, as diversas modalidades acabaram sendo domesticadas e vendem uma imagem de “risco controlado” ou de um “descontrole controlado”. Dessa forma, a aventura produzida pelas atividades de aventura se torna “mais fictícia que real”, ou seja, o risco existe e ele é assumido e faz parte do produto a ser vendido, mas ele é controlado, visto a enorme quantidade de recursos tecnológicos existentes no mercado.

Vemos que essa ligação profunda com o meio natural, o tempo livre e as emoções vivenciadas por seus praticantes são os elementos característicos dessas atividades, as quais podemos citar: *rafting*¹, bóia *cross*², rapel³, cachoeirismo⁴, *trekking*,⁵ espéleoturismo⁶, canionismo⁷, dentre inúmeras outras modalidades. Betrán (2003), afirma que as pessoas fazem essa prática por livre adesão e em seu tempo livre, sendo que a busca por atividades que as tirem da rotina é tamanha, que fazem do corpo elemento principal e sensorial

¹ Rafting: descida de rios com corredeiras em botes infláveis.

² Boia *cross*: descida de rios com pequenas corredeiras em botes infláveis.

³ Rapel: técnica de descida em cordas utilizando equipamentos específicos.

⁴ Cachoeirismo: descida de quedas d’água, seguindo ou não o curso d’água, usando técnicas verticais.

⁵ *Trekking*: atividade que se configura por caminhar por terrenos variados e em meio à natureza, utilizando uma bússola para orientar-se.

⁶ Espéleoturismo: atividades desenvolvidas em cavernas, oferecidas comercialmente, em caráter recreativo e de finalidade turística.

⁷ Canionismo: descida de cursos d’água, usualmente em cânions, sem embarcação, com transposição de obstáculos aquáticos verticais.

(sensação de emoções e “adrenalina”) e não mais apenas como um meio para nos transportar de um lado para o outro.

d) Atividades de Aventura na Natureza

Alcyane Marinho (2003, p.4) nos traz essa terminologia, onde a autora sustenta o seguinte:

Tais atividades são, aqui, entendidas como as diversas práticas esportivas manifestadas, privilegiadamente nos momentos de lazer, com características inovadoras e diferenciadas dos esportes tradicionais, pois as condições de prática, os objetivos, a própria motivação e os meios utilizados para o seu desenvolvimento são outros e, além disso, há também a presença de inovadores equipamentos tecnológicos que permitem uma fluidez entre o praticante e o espaço de prática – terra, água ou ar [...].

Essa conceituação surge após uma discussão sobre a expansão do turismo frente ao meio ambiente, na qual Marinho (2003), baseada em Ruchmann (2000), comenta que essa expansão teve quatro fases ao longo da história, na qual a primeira, denominada de “relacionamento”, foi no século XVII, que se caracterizou pela descoberta da natureza e houve o surgimento dos primeiros equipamentos, e essa procura se deu em descobrir locais onde a industrialização ainda não tinha chegado. A segunda fase, o “turismo dirigido”, ocorreu ao longo do século XIX e início do século XX, onde não havia a preocupação com as degradações ambientais de hoje, e isso gerou o crescimento e especulação imobiliária dos centros turísticos antigos da Europa.

Por volta de 1950, começa a terceira fase, que teve seu apogeu nas décadas de 1970 e 1980 e foi a fase do “turismo de massa”, na qual houve uma grande degradação do meio ambiente, por causa dos excessos (crescimento desordenado, saturação e locais sem infraestrutura, construção de porto e marinas sem estudos, entre outros). E, por último, em meados de 1970, com o surgimento de questionamentos de problemas e da degradação

do meio ambiente, sendo a fase onde o meio ambiente “[...] torna-se pretexto para a descoberta, a educação ambiental e o espírito aventureiro, dando origem a um novo mercado – o turismo ecológico ou ecoturismo” (MARINHO, 2003 p. 4).

Com base em Marinho (2003), vemos um ponto interessante, que é o de equipamentos tecnológicos de última geração que muitas dessas modalidades utilizam, a ponto de termos bicicletas que custam o preço de um carro novo, pois esses equipamentos utilizam tecnologias de ponta e materiais extremamente eficientes, pois conciliam durabilidade e leveza, além do surgimento de novos equipamentos proporcionarem novas modalidades ou outras possibilidades de práticas, quando comparadas com as já existentes. De novo vemos a citação do lazer como tempo de ocorrência dessas práticas, além de podermos notar que se tratam de modalidades esportivas bem diferentes das mais praticadas, exceto o *skate* que é a segunda modalidade esportiva mais praticada na grande São Paulo (CEV, 2002).

Dessa forma, optamos por utilizar o termo Atividades de Aventura na Natureza, ou apenas Atividades de Aventura, pois concordamos com a definição dada por Marinho (2003), na qual também vemos essas atividades ocorrer nos tempos e espaços destinado ao lazer de seus praticantes, igualmente observamos as nítidas diferenças dos esportes tradicionais e assim não podemos chamar essas atividades de Esporte, contudo, sabemos da vertente esportiva de muitas dessas práticas, porém não é essa vertente o nosso objeto de estudo. Também concordamos com Marinho (2003) pelo fato de que os objetivos, condições e a motivação dos praticantes são diferenciadas, ao nosso ver, isso também vale para todas as demais formas de manifestação corporal. Além disso, os próprios locais onde ocorrem muitas dessas práticas, com algumas exceções – *skate*, patins, entre outros, são locais naturais, onde, em alguns casos, o principal da prática é o contato “virgem”, ou seja, o local está como ele é, não tendo sofrido nenhuma ação do homem.

Essa miscelânea de conceitos e definições nos mostra o quão rico tem sido esse debate conceitual no meio acadêmico e também nos mostra que esse interesse vem acontecendo há algum bom tempo – de Fernandes (1998) a Costa, Marinho e Passos (2007), e aqui não mostramos todas as definições para essas atividades, apenas escolhemos as mais representativas e as mais citadas nos textos. Esse interesse nas Atividades de Aventura pela academia, não se baseia apenas nos conceitos, mas, em inúmeros temas, como seu envolvimento com o lazer, o fator risco e como seus praticantes convivem com ele, questões sobre o impacto ambiental gerado e como as Atividades de Aventura podem ser utilizadas como forma de educação ambiental, formas de treinamento com vistas à performance nas vertentes competitivas, entre outros, como as formas de classificação dessas atividades, que será tratado a seguir.

Esse momento de evidência que as Atividades de Aventura se encontram e não apenas no meio acadêmico, mas também no âmbito da população em geral, visto o crescente aumento na demanda dos chamados turistas de aventura e da mídia, a qual, a cada ano, apresenta mais programas e reportagens a respeito dessas atividades e dos campeonatos e eventos ocorridos no Brasil. Acreditamos que essa evidência nas diversas áreas pode ser muito importante para tencionar o mercado, as empresas, a formação dos profissionais para atuarem nesse campo, pois as atividades, estando em evidência, irão despertar o interesse de mais e mais pessoas em praticá-las.

Pensamos ser importante esse debate sobre os conceitos das Atividades de Aventura, para mostrar que os nomes e conceitos são diversos, assim como os nomes das várias modalidades, mas todas elas representam o nosso objeto de estudo, ou seja, analisar os diferentes conceitos e classificações das Atividades de Aventura. Além disso, analisamos as inúmeras conceituações para poder escolher e justificar a escolha da que mais se enquadra na nossa visão sobre essas atividades.

Também acreditamos ser importante salientar que o mercado já tem demonstrado suas preferências mais atuais, como pode ser observado em um documento produzido pelo Ministério do Turismo e pela ABETA, Perfil do

Turista de Aventura e do Ecoturista no Brasil (2010, p. 38-39), o qual nos apresenta um quadro percentual gerado por meio de associações estimuladas por palavras, onde os sujeitos da pesquisa escutavam uma palavra e eles deveriam associar essa palavra a expressões como Esporte Radical, Natureza, Esporte de Aventura, Turismo de Aventura, Ecoturismo e Turismo de Natureza.

Dessa forma foi montado um quadro com os seguintes aspectos: as expressões medo, adrenalina, desconforto e frio na barriga estão fortemente ligadas ao Esporte Radical, podendo, assim, ser rejeitadas por muitos turistas que buscam aventura sim, mas também querem segurança. No outro extremo encontramos a expressão paz ligada à Natureza, ficando um pouco mais distante as expressões sentir-se vivo, tranqüilidade, sozinho, contemplação, liberdade e fugir, representando, assim, algo seguro e prazeroso.

Já os conceitos Esporte de Aventura e Turismo de Aventura, ficaram bem próximos, contudo não apresentaram associações muito claras para cada um, onde o Esporte teve mais associação à expressão sem graça, e o Turismo a expressões como sair da rotina, brincar e experiência, dando sinais de vontade em participação; um pouco mais distantes, mas relacionados com o Turismo temos as expressões com os amigos, vontade de fazer de novo e diversão, dando sinais positivos em relação à aderência pelas atividades atrelada a esse termo – Turismo de Aventura.

Assim, tendo esse cenário, vemos que o uso das diversas conceituações das Atividades de Aventura, tem que ser muito criterioso, visto que a utilização de alguns termos pode não provocar o interesse dos praticantes em potencial, ou mesmo, o uso de um termo pode levá-los a pensar em uma atividade diferente daquela que está sendo oferecida.

Como dito anteriormente, vamos analisar alguns dos modelos de classificação das Atividades de Aventura. É nossa intenção chamar a atenção que essas classificações não podem ser engessadas, visto que, a cada ano, sempre aparecem diversas novas modalidades de Atividades de Aventura, tendo, assim, que serem inseridas nesses modelos de classificação.

2.3 CLASSIFICAÇÃO DAS ATIVIDADES DE AVENTURA

Uma forma simples de classificar as Atividades de Aventura é fazer sua diferenciação em relação aos locais em que as atividades acontecem, sendo: aéreos, aquáticos, terrestres e misto, onde os que acontecem em ambientes mistos são caracterizados por terem sua prática em mais de um dos ambientes possíveis. Assim podemos exemplificar, segundo Uvinha (2001), as modalidades de Esportes Radicais, as quais, costumeiramente, são classificadas de acordo com o ambiente da prática. Isso acontece tanto no Brasil como em outros países, e ele faz uma listagem dos vários tipos de esportes radicais, explicitando características básicas inerentes a algumas das modalidades. O referido autor também faz uma breve descrição de algumas modalidades, visto que muitas delas estão no Brasil e assim já são conhecidas:

Aéreos

- Asa delta ou vôo livre;
- Balonismo;
- *Base jump* (salto de prédio, antenas ou pontes utilizando-se de pára-quedas e procurando retardar o máximo possível a abertura do mesmo);
- *Bungy jump* ou *bungee jump* (salto de uma ponte ou guindaste, geralmente de no mínimo 40 metros, preso a uma corda elástica);
- *Paraglaide* ou *parapente* (salto de montanhas, sentado numa cadeira improvisada, presa a um pára-quedas);
- Pára-quedismo;
- *Rope swing* (salto geralmente de uma ponte com corda de ancoragem pendular);
- *Sky surf* (saltos como no pára-quedas, em que o praticante vai com uma prancha presa aos pés e “surfa”no céu enquanto não abre o pára-quedas);
- *Trek* (asa delta motorizada).

Aquáticos

- bóia *corss*, *river board* ou *aquarid* (descida de corredeira de rios com bóias – geralmente feitas com câmaras de pneus de caminhões – ou pranchas adaptadas);
- *Bodyboard* (semelhante ao *surf*, o praticante desce as onda com o peito apoiado numa prancha menos que as dos surfistas);
- Canoagem (caiaques, em corredeiras de rios ou ondas do mar);
- *Dive cave* (mergulho em cavernas);
- Esqui na água;
- *Jetski*;
- Mergulho;
- *Rafting* (descida de corredeiras de rios em botes grandes e coletivos, onde vão de seis a dez pessoas);
- *Skyder parasail* (cadeira especial puxada por lancha e acoplada a um pára-quedas);
- *Surf*;
- *Windsurf* (semelhante ao *surf*, o praticante desce ondas utilizando pranchas maiores que as dos surfistas, superfícies estas impulsionadas peã força do vento em velas que são presas no meio da pracha);
- *Wakeboard* (o praticante realiza manobras numa superfície ovalada sobre as ondas produzidas pela lancha em que esta está ancorado).

Terrestres

- Alpinismo ou escalada;
- *Bicicross ou bike*;
- *Cascade* (descida de cachoeiras por uma corda, valendo-se de técnicas verticais);
- *Canyoning* (exploração de cursos de rios, geralmente inclui o *cascade*);
- Espeleologia (estudo sobre cavernas);
- Esqui na neve;
- *MotoCross*;
- *Moutain bike*;
- Rapel arborizado (descida de árvores altas em cordas, técnica *rapel*);

- Rapel urbano (descida de viadutos altos em cidades, por meio de cordas, mediante a técnica de *rapel*);
- *Off Road* ou *jeep cross*;
- *Roller* ou *skate-in-line*;
- *Sandboard* (semelhante ao *skate*, superfície alongada – como a do *Sky* – usada na areia);
- *Skate* ou *skateboard*;
- *Snakeboard* (semelhante ao *skate*, é praticado numa superfície dividida ao meio – presa por um pequeno engate -, com eixos independentes);
- *Snowboard* (semelhante ao *skate*, superfície alongada – como a do *Sky* – usada na neve);
- *Trekking* (caminhada em trilhas).

E ainda temos os que ocorrem em dois ou mais ambientes:

Ambientes mistos: *kite surf*⁸ (aquático e aéreo), *kite snow*⁹ (neve e aéreo), corrida de aventura¹⁰ (aquático, aéreo e terrestre), entre outras.

Outra classificação foi elaborada por Pereira *et al.* (2008), na qual eles, baseados nas idéias de Uvinha (2001), utilizam o local de prática como ponto de partida. No entanto, eles procuraram expor um maior número de exemplos das atividades ocorridas no ambiente urbano que apresentam particularidades e, neste caso, ressaltam as atividades que ocorrem em ambientes mistos.

Pereira *et al.* (2008) utilizam o termo Esporte Radical como principal e o dividem em Esportes de Ação e Esportes de Aventura, para tentar fazer a distinção que as diferentes modalidades apresentam. Os Esportes de Ação são os que apresentam movimentação, conduta ou comportamento e manifestam energia e força, onde o símbolo deste tipo de atividade está nos movimentos a

⁸ *Kite surf*: atividade na qual, seu praticante, no mar, utiliza uma prancha, presa a seus pés, e uma pipa (parauquedas) para fazer manobras na superfície da água e em vôo.

⁹ *Kite snow*: atividade na qual, seu praticante, em locais onde haja neve, utiliza uma prancha, presa a seus pés, e uma pipa (parauquedas) para fazer manobras sobre a neve e em vôo.

¹⁰ Corrida de aventura: atividade competitiva em grupos (mistos ou não), onde seus participantes tem que percorrer no menor tempo grandes distâncias, e para isso fazem a leitura e interpretação de mapas e planilhas, e realiza diversas outras atividades de aventura (*mountain bike, rafting, rapel, trekking*, entre outras).

serem executados e suas complexidades, além de poderem ser reconhecidas entre seus praticantes pelas suas “tribos” (UVINHA, 2001), que são caracterizadas pelas roupas, linguagens e comportamentos. Já os Esportes de Aventura são os que se caracterizam pela incerteza, pelo desconhecido, pois elas ficam sujeitas a ações meteorológicas, do próprio local onde acontecem e das exigências da própria atividade (distância, clima, esforço físico, privação e a incerteza).

ESPORTES RADICIAS		
MEIO	AÇÃO	AVENTURA
Aquático	<i>Surf, windsurf</i>	Mergulho (livre e autônomo), canoagem (<i>rafting, caiaque, aqua ride, canyonismo</i>)
Aéreo	<i>Base jump, Sky surf</i>	Paraquedismo, balonismo, vôo livre
Terrestre	<i>Bungee jump, sandboarding</i>	Montanhismo (escalada em rocha, escalada em gelo, técnicas verticais, tirolesa, rapel, arvorismo); <i>moutain bike (down Hill, cross country); trekking</i>
Misto	<i>Kite surf</i>	Corrida de aventura
Urbano	<i>Escalada indoor, skate, pains in line, bike (Trial, bmx)</i>	<i>Le parkour</i>

(PEREIRA; ARMBRUST; RICARDO, 2008 p. 46)

Os mesmos autores acrescentam dizendo que as modalidades são reinventadas e podem ser apresentadas com nomes diferentes, sendo que eles complementam que esse quadro é aberto para ampliações e alterações.

Outro ponto foi a inserção do meio urbano, que se caracteriza pelo desenvolvimento das práticas em ambientes artificiais, como pistas de *skate, pains ou bikes*; ou locais feitos com outros objetivos, mas que são utilizados

para a prática de diversos Esportes de Aventura, como por exemplo, pontilhões e pontes usados para o *rapele*; corrimão de escadas, bancos de praças que se tornar obstáculos para skatistas e praticantes de *Le Parkour*¹¹.

Por fim, temos outra classificação que, na nossa opinião, é melhor elaborada por ser mais detalhada e por ter outros parâmetros para a diferenciação das atividades de aventura, que não seja apenas o local onde essas atividades ocorrem. A classificação foi realizada por Oliveira e Betrán (1995) citado por Betrán (2003), na qual os autores fazem uma classificação semântica, em função das características estruturais, sendo elas: 1) meio ambiente; 2) características pessoais dos praticantes; 3) As atividades em si; 4) o impacto causado pela atividade no meio ambiente e 5) as implicações sociais da atividade. Assim, essa classificação foi feita a partir da seleção de critérios englobados nas cinco divisões que dão origem aos aspectos que caracterizam o desenvolvimento da atividade, de acordo com características intrínsecas e extrínsecas das atividades.

Dessa forma, no que diz respeito ao **ambiente físico**, que representa o local onde ocorrem as atividades de aventura, são diferenciados três critérios, em função do espaço e as suas conseqüências. O primeiro critério, assim como nas demais classificações, se refere ao ar, terra e água, ou seja, o elemento físico no qual ocorre a atividade. O segundo, leva em consideração o plano dimensional da atividade, ou seja, plano horizontal e plano vertical.

¹¹ *Le Parkour*: atividade na qual seus praticantes utilizam elementos do espaço urbano – pontes, bancos, marquises, escadas, rampas, entre outros, como obstáculos, nos quais eles realizam saltos, rolamentos, entre outras acrobacias.

Para um melhor entendimento desse critério, os autores relatam que fizeram uma diferenciação de acordo com o meio, o qual, no meio aéreo, as atividades horizontais se caracterizam por ocorrerem em virtude da força da gravidade, onde o praticante sente estar voando, já as atividades verticais são aquelas onde há uma velocidade uniformemente variada, ou seja, uma queda, como por exemplo, no salto de pára-quedas, na fase anterior ao pára-quedas se abrir. Já nas atividades que ocorrem na água, as verticais são as fluviais, ou seja, as que ocorrem em rios que apresentam um curso, saindo da nascente e indo para a desembocadura, quer seja em outro rio, em lagos ou no mar; e as aquáticas horizontais, são aquelas realizadas em lagos, no mar, represas, etc.

E, por fim, as atividades terrestres horizontais são aquelas realizadas em terrenos planos e horizontais, já as verticais são aquelas onde o praticante tem na força da gravidade um desafio a mais, seja subindo ou descendo.

O último critério se refere ao grau de incerteza do meio, ou seja, meio estável ou não. Neste caso, as atividades instáveis se dão pelo fato das atividades ocorrerem em ambientes naturais, ficando sujeitas a mudanças repentinas das condições meteorológicas, que foram subdivididas em fatores meteorológicos como a umidade, temperatura ou pressão atmosférica e fenômenos meteorológicos como o vento, chuva, neve, tempestades ou geadas. Além desses fatores, também se caracterizam como instáveis aquelas atividades onde o relevo é variável como, por exemplo, o *rafting*, os jipes 4x4 e a *mountain bike*.

Quanto ao **ambiente pessoal**, este representa uma análise psicológica de como as emoções e sensações causadas pelas atividades agem no

praticante, sendo que foram subdivididas em três dimensões. A primeira dimensão é a emocional, que visa as emoções experimentadas pelos praticantes, sendo elas diferenciadas em condutas *hedonísticas* e *acéticas*. As condutas *hedonísticas* são características das atividades que não requerem grandes esforços físicos e geram sensações de prazer e bem-estar; já as *acéticas* são as atividades que têm em sua prática uma grande exigência das capacidades físicas dos seus praticantes.

A segunda dimensão é a sensação, relacionada ao prazer e ao descanso que a atividade pode oferecer ao praticante, por ser uma atividade que proporcione tanto tranquilidade quanto estresse, com grandes cargas emocionais e incertezas, sendo definidas por uma sensação de risco/vertigem. Nas atividades de aventura, o risco que as atividades apresentam são riscos assumidos e controlados, sendo que o avanço tecnológico favorece que as atividades se tornem mais seguras, mas a sensação de insegurança e de risco são imprescindíveis à prática, visto que seus praticantes procuram a “adrenalina”, que produzem um descontrole controlado (BETRÁN, 2003, p. 177).

E, ainda, temos os recursos tecnológicos como uma dimensão, no qual esses recursos são utilizados para a realização das atividades de aventura, sendo elas diferenciadas em quatro tipos: as que utilizam *artefatos mecânicos*, podendo precisar de energia ou de habilidades do praticante para o seu funcionamento (exemplificados por *GPS*, freios – 8 ou ATC, mosquetões e cordas); *artefatos de motor*, exemplificado pelos jipes 4x4, que requerem energia de propulsão para o seu funcionamento; o *corpo*, que realiza alguns

movimentos graças ao auxílio de alguns complementos; e, por último, os que utilizam *energia autogerada*, geralmente atividades que utilizam animais.

Quanto às **atividades**, os autores Oliveira e Betrán (2003) relatam terem selecionado 32 atividades que se enquadraram nas diferentes categorias organizadas por eles. Eles acrescentam que existem muitas outras práticas de atividades de aventura, porém eles apresentaram uma amostra representativa das diversas modalidades (quadro a seguir).

Já em relação à **valorização ético-ambiental**, os autores defendem que a “[...] filosofia que inclui o gosto por essas atividades indica um retorno do ser humano à natureza” (Betrán, 2003, p. 178), e que esse retorno ocorre em virtude de uma possibilidade de que o meio ambiente possa desaparecer. ~~mas~~ Esse contato com a natureza de forma lúdica e no contexto do lazer de seus praticantes podem provocar impactos ambientais, podendo ser classificados em alto, médio ou baixo. Podemos observar que as atividades de aventura na natureza causam diferentes impactos, como por exemplo, podemos comparar as atividade de jipes 4x4 e as caminhadas de contemplação do meio natural, mas um ponto importante a ser destacado é que essas atividades podem gerar uma formação e uma educação ambiental para seus praticantes, onde os mesmos possam desenvolver uma sensibilidade ecológica e respeito pelo *habitat* no qual ele desenvolve sua atividade e, assim, saber como pode praticar sua atividade e causar o menor impacto possível.

Oliveira e Betrán (2003) trazem uma preocupação com relação à questão da educação ambiental, pois, muitos praticantes mesmo que tenham consciência ambiental podem causar mais impacto no meio ambiente do que

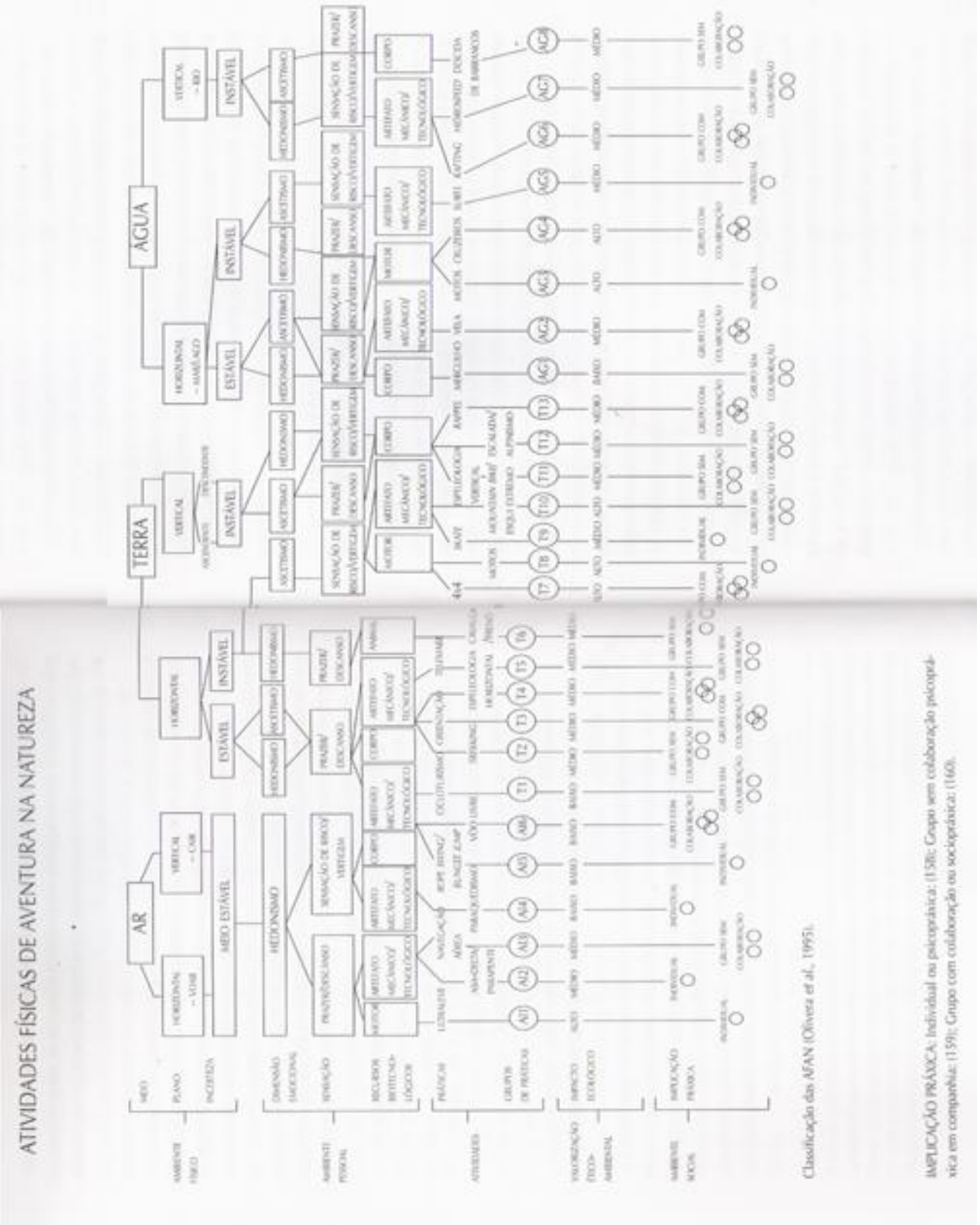
um pequeno grupo sem nenhuma consciência ambiental, além disso, quanto maior for a acessibilidade do local, maior será a deterioração do mesmo. Os autores ainda citam que uma pegada de um praticante de *trekking* desaparece em minutos, ao passo que um caminho feito por um veículo 4x4 irá durar muito tempo.

Em relação às causas dos impactos ambientais devem ser considerados os seguintes aspectos:

- ao tipo de atividade praticada;
- à intensidade (densidade) da prática;
- à duração da atividade em um determinado lugar;
- à estação do ano na qual a atividade é praticada;
- ao momento do dia;
- à vulnerabilidade intrínseca das espécies que vivem na região;
- ao comportamento dos praticantes com relação ao meio ambiente. (BETRÁN, 2003, p. 179)

Por último, temos o **ambiente social**, pois segundo Oliveira e Betrán (2003, p. 179) [...] essas atividades caracterizam-se, entre outros aspectos, por seu forte caráter individualista, de acordo com a realidade social de seu tempo, a pós-modernidade. Dessa forma, vemos que, por isso, há implicação praxica ou motriz em determinar uma conduta individual do praticante, traço marcante da sociedade pós-moderna, que se fundamenta numa vivência pessoal de distintas sensações e emoções gerada pelas atividades de aventura na natureza, na qual essas condutas ocorrem em duas situações: ocorre na colaboração em algumas ocasiões com grupos, visando o desenvolvimento da atividade ou em atividades totalmente individuais.

Quadro com a classificação de Oliveira e Betrán (2003, p. 180-181):



Classificação das AFAN (Oliveira et al., 1995).

IMPLICAÇÃO PRÁTICA: Individual ou psicoprática; (158): Grupo sem colaboração psicoprática em companhia; (159): Grupo com colaboração ou psicoprática; (160):

Vemos essa última classificação como a mais completa, pois não fica baseada apenas no local de prática da atividade, mas também, vai ao encontro de temas de grande relevância para nós a respeito das Atividades de Aventura, como os impactos causados por essas atividades, tanto em questões sociais quanto ambientais, além das características pessoais dos praticantes, pois acreditamos que essas atividades como possibilidades no lazer, podem sair do nível elementar e ir para os níveis crítico e criativo (MARCELLINO, 2000), para poderem ser veículos de transformações sociais.

Novamente, vemos que o surgimento dessas diversas formas de classificação das Atividades de Aventura vem se construindo ao longo do tempo e isso não se dá apenas no Brasil, por exemplo, a última classificação que mencionamos tem sua origem na Espanha. Isso evidencia mais uma forma de mostrar o interesse do meio acadêmico, uma vez que desperta nele a vontade de conhecer as diversas modalidades das Atividades de Aventura.

Acreditamos que as classificações não devem ter um sentido de “engessamento” das Atividades de Aventura, mas sim, de se tornarem parâmetros para a compreensão da diversidade das modalidades, e além disso, visto o surgimento de diversas modalidades a cada ano, essas classificações podem ser revistas e terem novas práticas acrescentadas.

Agora que analisamos os conceitos e as classificações das Atividades de Aventura vamos analisar alguns pontos que marcam como elas se relacionam com o mercado e como a prática dessas atividades se caracterizam como um produto de venda.

2.4 ATIVIDADES DE AVENTURA E MERCADO

As Atividades de Aventura, um dos elementos do lazer existente na atualidade, se tornaram mais um produto da indústria do entretenimento, um exemplo do que Marcellino (2002) afirma sobre o Lazer Mercadoria. Essas práticas são atualmente exploradas comercialmente por inúmeras empresas e representam uma das vertentes do turismo que mais cresce no Brasil e no mundo.

A venda dos Esportes de Aventura nos leva a pensar como esse processo se inicia. Fernandes (1998, p. 116) afirma que os meios de comunicação produzem propagandas e programas e, assim, provocam o [...] consumo dos esportes de ação, de aventura ligados à natureza. Além de transformar essas modalidades em espetáculo esportivo e em produto de consumo.

Esse processo é o que Marcellino (2002) compreende como a transformação do lazer em mercadoria. A lógica do mercado estabelece o lazer de modo a utilizar o meio ambiente como instrumento e elemento a ser consumido. Instrumento quando se utiliza o meio ambiente como um cartaz para a propaganda das atividades realizadas nele, tentando, assim, dar oportunidade às pessoas que vivem nos grandes centros e que não têm mais essa possibilidade de estar em contato com a natureza; e usam o meio ambiente como elemento, pois os produtos oferecidos por esse lazer mercadoria, a Atividade de Aventura, em muitos dos casos tem o meio ambiente como pano de fundo, pois sem a natureza muitas dessas práticas não seriam possíveis, visto o montanhismo, o *rafting*, o cachoeirismo, mergulho, dentre tantos outros. Assim, atividades como o bóia *cross*, atividade que consiste em descer corredeiras de rios utilizando uma bóia (câmara de pneu) como embarcação, e que no início era praticada por populares que viviam nos arredores desses rios, hoje têm uma nova roupagem – uma capa envolta da câmara é vendida para as pessoas que tenham interesse em realizar e experimentar essa experiência, ou seja, o que antes era uma simples diversão da população local, hoje é um produto a ser comprado.

Quanto ao lazer mercadoria, temos como base Marcellino (2002), além de outros autores como Marinho (2003) e Reis (2009), que nos fala do uso da natureza como um produto “fabricado e empacotado” para servir à vontade do turista. E continua:

Ainda que seu discurso se fundamente em fatos incontestáveis, tais como a extensa área preservada e as ricas paisagens propícias às atividades de lazer na natureza, o ambiente natural é consumido e vendido como produto à mercê da demanda, e não experimentado como parte fundamental da existência ou da essência humana (REIS, 2009, p. 88).

Creemos que o uso excessivo dos ambientes naturais não pode ser justificado pelo fato de existirem grandes reservas naturais preservadas, ou mesmo, porque esses ambientes são propícios a tais práticas. O uso sem controle gerado pela grande demanda de consumo dos esportes de aventura, onde o objetivo é apenas no lucro dessas empresas exploradoras da natureza, pode fazer com que essas áreas acabem sendo degradadas.

Hall E Higham (2000) citados por Reis (2009, p. 89) afirmam que:

As pressões advindas das práticas de lazer, diversas vezes associadas a estruturas físicas construídas para acesso e permanência de visitantes (locais ou turistas), têm levado a importantes impactos ecológicos no meio ambiente. Dessa forma, vale ressaltar que os interesses recreativos e conservacionistas por diversas vezes não se alinham com posições ambientalistas e preservacionistas – que se caracterizam por motivações e ações bem distintas – e em sua maioria se traduzem em práticas antropocêntricas e instrumentalistas de contato ou interação com a natureza.

No consumo das atividades de aventura há uma venda de elementos que levam os sujeitos a pensarem que as empresas se ajustam às posições ambientalistas e preservacionista, onde muitas delas se utilizam de termos como: preservação do meio ambiente, natureza inexplorada ou virgem, ecologicamente corretos, e outros, levando os consumidores das Atividades de Aventura a acreditarem que essas atividades causam nenhum ou pouco

impacto, porém a alta demanda de consumidores, provavelmente, pode acarretar degradação e poluição dos espaços naturais.

Outro ponto que destacamos é o uso das Atividades de Aventura como forma de motivação de seus praticantes ou mesmo para compensar as energias gastas na vida cotidiana, em que Marinho (2009, p.17) afirma que:

O lazer, muitas vezes, é entendido como um dos espaços mais procurados para que os indivíduos compensem essas situações, envolvendo-se em vivências capazes de afastá-los do vazio, da mesmice, propiciando o rompimento com a rotina, refletindo sobre a possibilidade de colocar limites pessoais à prova e de experimentar sensações marcantes. Le Breton (2006, p. 101) aponta exatamente isso, afirmando que as atividades de aventura, vividas no lazer, são colocadas pelos próprios usuários como uma compensação da sociedade civil, notada como asséptica e sem graça. Nas palavras do autor, *elas são reivindicadas como sendo uma maneira de reencontrar a graça da vida numa sociedade por demais segura.*

O consumo dessas modalidades nos faz pensar que o lazer das pessoas se transformou em negócio. Um exemplo disso é a cidade de Brotas/SP, no interior do estado de São Paulo, que é nacionalmente conhecida por oferecer inúmeras possibilidades de prática dos Esportes de Aventura (*Rafting*, *Bóia Cross*, *Arvorismo*, *Rapel*, dentre outras).

Brotas é uma cidade de porte médio, mas que contém várias empresas cadastradas na ABETA (Associação Brasileira das Empresas de Ecoturismo e Turismo de Aventura), sem contar com outras empresas que lá existem, mas que não são associadas à ABETA. Assim, podemos constatar que existe um grande comércio das Atividades de Aventura nesta e em outras cidades do Brasil, mercado este que movimenta grandes montantes e que cresce a cada ano.

Diante disso, fica a inquietação de como essas atividades que antes eram praticadas por grupos de amigos, hoje se tornaram um produto de entretenimento a ser consumido, e como elas se relacionam com o mercado, como é seu desenvolvimento na prática e como é a formação do pessoal envolvido nas mesmas. Assim, observamos que houve uma normatização dessas atividades, pois, atualmente, existem inúmeras normas que foram

produzidas pela Associação Brasileira de Normas Técnicas – ABNT, em conjunto com o Ministério do Turismo e apoiados pela ABETA.

Essas normas, ao nosso ver, são o que caracterizam essa transformação de uma atividade livre em um produto do Turismo de Aventura ou Ecoturismo vendido e consumido nos momentos destinados ao Lazer na atualidade, pois as mesmas formalizam o desenvolvimento da modalidade em questão, principalmente em relação às formas de condução da atividade, dando ênfase à segurança dos participantes e condutores.

Um dos motivos dessa normatização ocorreu pelo fato de as Atividades de Aventura terem se tornado um produto a ser consumido, um desejo, para pessoas que vivem nos grandes centros e em trabalhos alienantes, as quais vendo propagandas oferecendo o contato com a natureza e a experiência de aventura e risco, elementos estes que as Atividades de Aventura podem oferecer, e que as pessoas vão em seus momentos destinados ao lazer, geralmente finais de semana, em busca dessa aventura, de se “por a prova”, de experimentar e vivenciar essa atividade.

Essa transformação em produto da indústria do entretenimento acabou gerando a normatização, visando principalmente a segurança nas práticas – inclusive para evitar a morte, pois em muitas atividades há o risco de acidentes, e esses riscos tem que ser controlados, assumidos e diminuídos quando for o caso.

O mundo atual se baseia no modo de vida capitalista, no qual o consumo de bens e serviços é o fator fundamental para a manutenção do mesmo, uma vez que o que é produzido tem que ser vendido para poder empregar as pessoas, e as pessoas estando empregadas terão salários que lhes darão a possibilidade de consumir a produção, assim gerando um círculo baseado em trabalho e consumo. No entanto, além do trabalho e do consumo, há momentos de descanso e divertimento no lazer. Contudo, muitas das possibilidades de vivências no lazer das pessoas hoje se tornaram produtos de consumo, perfazendo, assim, o lazer mercadoria (MARCELLINO, 2002). Assim como nos traz Marinho (2001, p.149):

Nossa contemporaneidade é marcada pelo consumo de bens e serviços, signos e imagens atrelados à satisfação e ao corpo. As imagens fortificam um mercado consumidor, baseando-se

no fascínio das pessoas por atividades que carregam mensagens de aventura e de fortes emoções, haja vista a crescente participação nas referidas corridas de aventura. Portanto, as atividades esportivas, em geral, praticadas em ambientes naturais estão inseridas nesse contexto, permeadas pelas noções de aventura, risco calculado, adrenalina e prazer.

Dessa forma, fica evidente que as Atividades de Aventura na Natureza são bons exemplos desse mercado das atividades culturais e do lazer, onde, a cada dia, aparece uma nova modalidade (produto) e uma nova empresa pronta para explorar esse mercado. Prova disso são os dados da ABETA (Associação Brasileira das Empresas de Ecoturismo e Turismo de Aventura), em que no ano de 2008 foram gastos R\$ 490 milhões em atividades de aventura no seguimento do turismo de aventura ou ecoturismo e, atualmente, são 311 empresas cadastradas por essa entidade, gerando milhares de empregos diretos e milhares indiretos (ABETA, 2009).

Uma forma de entendermos essa transformação das Atividades de Aventura em produto do Turismo de Aventura é nos basearmos em pensadores que retratam o modo de vida contemporâneo, pois eles nos trarão subsídios para esse entendimento de mercado e consumo.

Baseado no estudo de Velozo (2009), no qual o autor fala sobre a cultura de movimento e as relações da Educação Física na Contemporaneidade, vemos o surgimento das Atividades de Aventura e a transformação destas em produtos do Turismo de Aventura. Assim, iremos verificar quais elementos da contemporaneidade contribuem com esse cenário.

Vemos que a realidade do mundo atual, a contemporaneidade, se faz presente, pois houve algumas mudanças na modernidade, época na qual houve uma superação dos postulados da idade medieval, na confiança incondicional da razão e na crença em uma sociedade com um futuro melhor, proporcionado pelo uso da própria razão, e as mudanças que ocorreram na primeira modernidade são objetos de estudo de autores que utilizam diferentes denominações para a sociedade contemporânea: de acordo com Velozo (2009) e Marc Augé (2004) que se refere ao termo “supermodernidade”.

De acordo com o autor francês Marc Augé (2004), para o qual vivemos na época por ele denominada de Supermodernidade, e que esse período se caracteriza por transformações que ocorrem a respeito da compreensão do tempo, do espaço e do ego, e isso teria gerado três figuras de excesso que são características do mundo contemporâneo e que define a supermodernidade: superabundância factual, superabundância espacial e individualização das referências. Para Augé (2004), o conceito de supermodernidade não supera nem substitui a modernidade, mas sim, se necessita compreender as profundas mudanças da atualidade, e é preciso considerar algumas figuras de excesso ou de acentuação da própria modernidade, como o tempo, o espaço e o indivíduo.

A superabundância factual está relacionada com o alargamento do tempo, sendo ele responsável pelo aumento de fatos e de acontecimentos na vida dos sujeitos, como por exemplo, o aumento na expectativa de vida, que pode gerar a existência de quatro gerações ao mesmo tempo e não três. Ocorre uma renovação da categoria tempo, que se concretiza no aceleração da história através do excesso de informações e da interdependência do “sistema mundo”, criando a necessidade de dar sentido ao presente – diferentemente da perspectiva pós-moderna sobre a perda da intelegibilidade da história em função da derrota da idéia de progresso (Augé, 2004).

A superabundância espacial é relativa ao espaço, pois parece-nos que o “planeta encolheu”, isto por causa da mudança de escala, ocorrido por causa do desenvolvimento dos meios de transporte e de comunicações, fazendo que ocorra um maior e mais veloz deslocamento de pessoas, produtos e informações, independente da região do planeta (VELOZO, 2009, p. 51). Esse desenvolvimento dos meios de transporte acaba por gerar lugares, os quais Marc Augé classifica como “não-lugares” e nos quais essa superabundância espacial:

[...] resulta, concretamente, em consideráveis modificações físicas: concentração urbana, transferência de população e multiplicação daquilo a que chamaremos “não-lugares”, por ocasião à noção sociológica de lugar, associada por Mauss e por toda uma tradição etnológica àquela de cultura localizada no tempo e no espaço. Os não lugares são tanto as instalações

necessárias à circulação acelerada das pessoas e bens (vias expressas, trevos rodoviários, aeroportos) quanto aos próprios meios de transporte ou os grandes centros comerciais, ou ainda os campos de trânsito prolongado onde são estacionados os refugiados do planeta (AUGÉ, 2004, p. 36).

E ainda sobre o excesso de tempo, podemos resumir que ele constitui-se pelo encolhimento do mundo, que provoca alteração da escala em termos planetários através da concentração urbana, migrações populacionais e produção de não-lugares – aeroportos, vias expressas, salas de espera, centros comerciais, estações de metros, entre outros; por onde circulam pessoas e bens.

E, por fim, Augé (2004), fala da individualização das referências que se relaciona com o ego, isto porque, por exemplo, as histórias coletivas estão cada vez mais a explicitar as histórias individuais, pois ao mesmo tempo em que são pontos de referências coletivas, se tornam cada vez mais flutuantes e isso ocasiona uma produção individual do sentido, que é transmitido pela mídia, que fala, por exemplo, do corpo, dos sentidos. O indivíduo que se crê o centro do mundo, tornando-se referência para interpretar as informações que lhe chegam, constitui-se a terceira figura de excesso, no qual o processo de singularização de pessoas, lugares e pertencimentos faz o contraponto com um processo de relacionamentos tal qual o da mundialização da cultura.

Dessa forma, poderíamos resumir a idéia de Velozo (2009), sobre o “não-lugar” de Marc Augé (2004), da seguinte forma:

[...] os aspectos destacados em “Não-Lugares” para caracterizar o discurso de Marc Augé sobre a contemporaneidade são aqueles que, nas palavras do autor, constituem as figuras do excesso. A superabundância de fatos produzida pelo alargamento do tempo, a superabundância de espaço devido ao avanço dos meios de transporte e comunicação, e a individualização das referências pela necessidade de dar sentido cada vez mais para o excesso de referentes individuais e menos às coletividades, são os elementos que constituem estas figuras. Neste sentido, a noção de figuras do excesso possui algo de esclarecedor sobre o modo como a exacerbação de alguns postulados da modernidade – o superdesenvolvimento dos meios de transporte e de comunicação, por exemplo – repercutiram numa supermodernidade que reclama cada vez mais a

necessidade de se atribuir sentido aos seus produtos, ou seja, ao próprio excesso (VELOZO, 2009, p. 53).

E ainda, os não-lugares, são produtos da contemporaneidade – para Augé (2004), supermodernidade, e através deles se mostra um mundo provisório e efêmero, comprometido com o transitório e com a solidão, os não-lugares são a medida de tempo de uma época que se caracteriza pelo excesso factual, superabundância espacial e individualização das referências. Dessa forma, Augé apresenta a supermodernidade a ser vista e entendida nas suas contradições e complexidades, e não como uma oposição a uma modernidade perdida.

Dessa forma, cremos que o excesso pode ser exemplificado pelo grande número de atividades, ou mesmo, o grande número de locais para a práticas dessas atividades – e tanto as práticas quanto os locais crescem, contudo muitas dessas atividades infelizmente não estão disponíveis a toda a população, uma vez que são produtos e por isso têm um custo, dependendo da modalidade bem alto, fazendo, assim, com que muitas dessas atividades seja para poucos, pois muitos não têm condições financeiras para ter acesso às Atividades de Aventura.

Porém gostaríamos de salientar que não somos contra o mercado existente ao redor das Atividades de Aventura, mas acreditamos que esse mercado pode oferecer mais do que uma simples prática aventureira. Vemos a possibilidade de poder ser uma importante ferramenta educacional, principalmente em relação ao meio ambiente, contudo, isso só será possível pela atuação de um profissional bem capacitado.

O aumento de atividades e locais podem ser os principais motivos pelo grande crescimento de interesse de praticantes, mas não podemos afirmar que, da mesma forma houve o aumento do tempo destinado ao lazer, visto que é muito comum as pessoas trocarem seu tempo destinado ao lazer por horas extras, ou trabalhos extras – “bicos”, ou mesmo ficarem numa visão reducionista do lazer – apenas atividades para o descanso, como assistir TV. Assim, o tempo destinado para o lazer pode ser fragmentado e ajustado para as diversas opções de atividades, inclusive as Atividades de Aventura, e

terminando por atender às necessidades individuais. Outra questão levantada por Velozo (2009) é que a lógica do mundo do trabalho pode ser e está sendo transportada para a esfera do lazer, em resumo, lazer mercadoria, na qual as Atividades de Aventura, hoje, são um produto ou uma mercadoria que está à disposição para quem quiser – tenha vontade e quem tiver condições financeiras.

Em relação direta com as Atividades de Aventura, Velozo (2009) afirma que com a proliferação das atividades corporais, onde algumas que eram significativas para pequenos grupos, hoje são colocadas à disposição no “hipermercado das práticas corporais”, as Atividades de Aventura que eram essas atividades de pequenos grupos, hoje são ofertadas a:

[...] indivíduos que começam a nutrir alguma curiosidade sobre estes esportes devido à ampla divulgação feita pelos seus gestores e pela decorrente transformação destes esportes em elemento de consumo. Cada vez mais os indivíduos são incitados a conhecer um pouco de cada coisa e viver tudo intensamente. Por isso, é preciso correr, nadar, fazer aulas em academias, escalar, fazer rapel, *rafting*, tirolesa, arvorismo, enfim, tudo o que for possível. Com isso, cresce a tendência de se aderir a vários tipos de prática corporal, mas sem criar relações rígidas com alguma delas (VELOZO, 2009, p. 56).

E outro ponto que Velozo nos traz é que o mercado acaba exigindo uma grande diversificação de atividades/produtos para poder satisfazer os clientes, isso vai diretamente ao encontro do surgimento de novas atividades, sobretudo na área das Atividades de Aventura, pois, não apenas nas academias de ginásticas, mas em vários aspectos das práticas corporais, tudo tem que ser atraente, para o cliente não cair na monotonia e na repetição de um mesmo tipo de atividade por longos períodos. Sendo assim, há uma grande variedade de produtos do mundo *fitness*, como roupas, tênis e demais acessórios, sendo que, segundo Velozo (2009, p.57-8) “Diferenciação, diversificação, customização, individualização são preceitos importantes para a criação de um mercado de consumidores”.

Finalizando esse pensamento, Marc Augé que defende o uso do termo supermodernidade, que é caracterizado pela superabundância factual (tempo) e espacial (lugar), em que, dentre outros pontos, são exemplificados os relativos ao aumento da expectativa de vida (tempo) e o desenvolvimento dos meios de transporte e comunicação (espaço), gerando, assim, possibilidades de uma locomoção/comunicação mais rápida e eficiente, e de locais que antes não eram possíveis, além da possibilidade de “desfrutarmos” mais de nossas vidas, como na aposentadoria, graças ao aumento da expectativa de vida. Nesse sentido, temos exemplo de empresas que estão se especializando no oferecimento de Atividades de Aventura para pessoas da terceira idade, tendo as adaptações necessárias. Outro ponto característico da supermodernidade é a individualização das referências, ou seja, a necessidade de dar sentido ao individual, onde podemos pensar no desejo das pessoas experimentarem alguma modalidade de Aventura, apenas pelo interesse próprio, por uma necessidade apenas sua e, com isso, gerar a necessidade de atribuir sentidos aos excessos, que caracterizam a supermodernidade – compressão do tempo, do espaço e do ego.

Vendo todo esse contexto, acreditamos que as produções dos autores anteriormente estudados se relacionam com as Atividades de Aventura, pelo fato deles falarem das características da contemporaneidade e essas atividades surgiram e se consolidaram nesse mesmo período.

Acreditamos que o mercado, ou melhor dizendo, o capitalismo, que é um grande diferencial da contemporaneidade, é um relevante aspecto que destacamos em todo o nosso texto, sendo exemplificado pela transformação do lazer em mercadoria (MARCELLINO,2002), visto que esse processo ocorre com as Atividades de Aventura. E novamente gostaria de salientar que não somos contra o mercado das Atividades de Aventura, mas acreditamos que a prática dessas atividades pode levar a um desenvolvimento social, principalmente envolvendo a população local e a preservação do meio ambiente, e acreditamos que essa prática só pode ser proporcionada por profissionais dinâmicos, críticos e que tenham uma formação sólida neste

sentido, com conhecimentos multidisciplinares e não apenas conhecimentos técnicos e específicos.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final de nossas discussões vemos atividades que, anos atrás, tinham um caráter de exploração de lugares inóspitos, ou eram atividades praticadas por amigos em seus momentos destinados ao lazer. Hoje são produtos da indústria do entretenimento e que têm normas a serem seguidas em suas práticas, que acabaram por “engessar” essa prática, não podendo dar novos sentidos e possibilidade de um desenvolvimento pessoal ou social, possibilidades estas viáveis, pois essas Atividades de Aventura são atividades contemporâneas.

Esse “engessamento” acaba por não dar margem a uma atuação profissional mais integrada e dinâmica, pois muitos dos profissionais que atuam na área das Atividades de Aventura, apenas se preocupam com normas, técnicas e equipamentos para dar suporte à atividade em si e a segurança, deixando de lado uma possibilidade, que acreditamos ser viável e muito importante, que é a as Atividades de Aventura serem uma ferramenta educacional e uma possibilidade crítica e criativa e com condições para mudar a realidade social, na qual os sujeitos estão inserido.

O interesse da Academia pelos estudos acerca das Atividades de Aventura, para nós, se mostra como um importante ponto para dar suporte a essa ferramenta educacional e também subsidiar essa transformação social e isso podemos ver por intermédio do grande número de teses e dissertações, livros, artigos em periódicos científicos, congressos específicos e mesas temáticas próprias das Atividades de Aventura. Estes são exemplos do interesse do meio acadêmico referente a esse tema na atualidade, visto a repercussão que tal temática tem tido, principalmente por causa da divulgação feita pela mídia.

O fato das Atividades de Aventura terem se tornado um produto a ser vendido e consumido, assim como outras tantas modalidades de atividades físicas, principalmente as de academia, não é um problema, mas acreditamos que a forma como se dá essa prática, pode ser um exemplo de uma prática

meramente consumista e conformista. O problema que vemos das Atividades de Aventura serem transformadas em mercadoria é que, com isso, pode acabar gerando uma elitização dessas práticas, visto o alto custo que algumas atividades têm, além de alguns estudos indicarem alguns casos de degradação do meio ambiente, gerado pelo grande volume de praticantes, ou melhor, clientes; sem contar com os poucos exemplos de empresas que têm programas de compensação dos impactos causados pelos seus clientes.

Mas, um ponto que vemos de positivo é que em muitos casos, as populações locais fazem parte do processo mercadológico em que estão inseridas as Atividades de Aventura, quer sendo operadores das empresas, ou mesmo, atuando nas áreas de transporte, alimentação, hospedagem e de venda de produtos de artesanato regional, podendo, assim, provocar a melhoria nas condições de vida dessas pessoas.

Voltando à discussão dessas temáticas no meio acadêmico vemos também ser importante falarmos sobre a formação das pessoas que atuam nessa área, pois o que vemos é apenas uma formação técnica e não acadêmica das pessoas envolvidas nas Atividades de Aventura, pois cremos que uma formação sólida no referencial acadêmico é tanto importante quando a formação técnica – única que vemos acontecer atualmente, importando-se apenas em normas de segurança e uso de equipamentos específicos. Uma formação mais sólida poderá formar um profissional capacitado tanto nas normas técnicas de segurança – muito importante pelo fato de o risco existir e ser assumido e controlado, mas também, em conhecimentos mais abrangentes com noções sobre os impactos causados pelas diversas práticas e, como isso pode ser minimizado ou mesmo compensado. Uma formação que possa dar suporte ao oferecimento de uma prática que possa ser desenvolvida de uma forma mais crítica e consciente, podendo assim dar condições de uma transformação social e maior preservação ambiental; e por fim, essa prática ser prazerosa e que consiga dar suporte a tudo o que se espera da mesma – aventura, fuga da rotina, etc..

Assim, esperamos que esse trabalho ajude a contribuir com o futuro das Atividades de Aventura, seja nas referências acadêmicas – conceitos, classificação e relações com o mercado, bem como desperte a necessidade de uma formalização e institucionalização dos cursos formadores de pessoas que irão atuar frente às Atividades de Aventura, para poderem dar suporte para que essas atividades sejam mais críticas e criativas e não apenas ter uma visão conformista do lazer.

Vemos a necessidade de o profissional que irá atuar no âmbito das atividades de aventura fazer uma mediação de valores, de significados, uma vez que, na época atual, somos orientados por valores que predominam na sociedade de economia capitalista, como a competição, a concorrência, o dinheiro, a busca por status social entre outros. Que estes valores sejam substituídos por outros como preservação do meio ambiente, igualdade social, cooperativismo, respeito mútuo, entre outros.

Assim não queremos acabar essa discussão por aqui, mas sim, levantar outras reflexões e inquietações para futuras pesquisas. Acreditamos, com o presente texto ter contribuído com o avanço nos estudos a respeito das Atividades de Aventura no âmbito da Educação Física e do Lazer.

REFERÊNCIAS

ABETA, Associação Brasileira das Empresas de Turismo de Aventura. Disponível em: [HTTP://www.abeta.com.br/pt-br](http://www.abeta.com.br/pt-br) acesso em setembro de 2010.

ABNT. Norma NBR 15285:2005 – Turismo de aventura – Condutores – Competência de pessoal. 2005.

_____. Norma NBR 15286:2005 – Turismo de aventura – Informações mínimas preliminares a clientes. 2005.

_____. Norma NBR 15331:2005 – Turismo de aventura – Sistema de gestão de segurança – Requisitos. 2005.

Augé, M. **Não-lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas: Papirus, 2004.

BETRÁN, J.O. Rumo a um novo conceito de ócio ativo e turismo na Espanha: as atividades físicas de aventura na natureza. In: MARINHO, A.; BRUHNS, H.T.(Orgs.). **Turismo, lazer e natureza**. São Paulo: Manole, 2003.

BRASIL, Ministério do Turismo. **Perfil do turista de aventura e do ecoturista no Brasil**. São Paulo: ABETA, 2010.

CEV, Centro Esportivo Virtual disponível em: <http://listas.cev.org.br/cevmkt/2002-12/msg00048.html> (17/09/2010 as 11:55)

COSTA, V.L.M.; MARINHO, A.; PASSOS, K.C.M. Esportes de Aventura e esportes radicais: propondo conceitos. **Revista Motriz**. Anais do V Congresso Internacional de Educação Física e Motricidade Humana e XI Simpósio Paulista

de Educação Física. UNESP, Rio Claro (SP), v.13, n.2 (suplemento), mai/ago, 2007.

FERNANDES, R. C. Esporte Radicais: referências para um estudo acadêmico. **Conexões – Educação, Esporte e Lazer**, Campinas. V.1, n.1, 1998.

MARCELLINO, N. C. **Lazer e educação**. 9ª ed. Campinas: Papyrus, 2002.

_____. **O lazer na atualidade brasileira: perspectivas na formação/atuação profissional**. Belo Horizonte: *Licere*, v.3, n.1, p.125-133, set, 2000.

MARINHO, A. Lazer, natureza e aventura: compartilhando emoções e compromissos. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Campinas (SP): Autores Associados, v.22, n.2, jan, p143-153, 2001.

_____. Da aceleração ao pânico de não fazer nada: corpos aventureiros como possibilidade de resistência. In: MARINHO, A.; BRUHNS, H.T.(Orgs.). **Turismo, lazer e natureza**. São Paulo: Manole, 2003.

_____. Lazer, natureza, viagens e aventura: o que buscar nelas. In: MARINHO, A.; BRUHNS, H.T. (Orgs.). **Viagens, lazer e esportes: o espaço da natureza**. São Paulo: Manole, 2006.

_____. Aventura, natureza e nomadismo: reflexões sobre o lazer e a sociabilidade na vida contemporânea. In. MARINHO, A. E UVINHA, R.R. **Lazer, Esporte, Turismo e Aventura: a natureza em foco**. Campinas,SP. Editora Alínea, 2009 – (coleção estudos e lazer)

MARINHO, A., SCHWARTZ, G.M. A produção do conhecimento referente às temáticas lazer, aventura e natureza. **Anais do XV Congresso Brasileiro de**

Ciências do Esporte e II Congresso Internacional de Ciências do Esporte,
Recife: CBCE, 2007

OLIVEIRA, A.B. e BETRÁN, O.B. Proposta d`uma classificació taxonômica de
lêls activitats físiques d`aventura a La natura. Marc conceptual i anàlisi dels
criteris escollits. Apunts Educacion Fisica i Esports, 1995 (41) p. 108-123.

PEREIRA. D. W.; ARMBRUST, I.; RICARDO, D.P. Esportes Radicais, de
Aventura e Ação, conceitos, classificação e características.
Corpoconsciência. Santo André, SP, FEFISA, v. 12, n. 1, 2008, p. 37 – 55.

REIS, A.C. 100% PURA: a natureza como produto de consumo ou parte de um
estilo de vida 'natural'? In. MARINHO, A. E UVINHA, R.R. **Lazer, Esporte,
Turismo e Aventura**: a natureza em foco. Campinas,SP. Editora Alínea, 2009
– (coleção estudos e lazer)

SERRANO,C. A educação pelas pedras: uma introdução, In. SERRANO, C.
(Org). **A educação pelas pedras: ecoturismo e educação ambiental**. São
Paulo: Chronos, 2000.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 17ª e. São Paulo:
Cortez/Autores Associados, 1991.

_____, **Metodologia do trabalho científico**. 23ª. ed, São Paulo:
Cortez, 2002.

UVINHA, R.R. **Juventude, lazer e esportes radicais**.1ª ed. Barueri,SP: Ed.
Manole, 2001.

VELOZO, E.L. CULTURA DE MOVIMENTO E IDENTIDADE: A Educação
Física na Contemporaneidade. **Tese (doutorado)** – Faculdade de Educação
Física, Universidade Estadual de Campinas. Campinas/SP, 2009.